a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine

N.º 50 — primavera de 2016

E Pluribus Unum: encontros e desencontros luso-brasileiros (parte I)

Jales J. da Rocha Filho
Tradutor/intérprete — Senado Federal do Brasil

Assim como nas demais línguas de alcance internacional, existe grande variação no português falado mundo afora. Embora às vezes causem estranhamento, as diferenças raramente impossibilitam a comunicação: os encontros e as convergências tendem a superar as discrepâncias e os desencontros. Espantoso (e triste) seria se, nos quatro cantos do mundo onde se utiliza o idioma de Camões, houvesse total homogeneidade. A diversidade, longe de separar os lusófonos, enriquece-lhes o idioma (e, por vezes, diverte-os). Trata-se de um patrimônio (património) a ser cultivado e compartilhado.

Na minha experiência de cinco meses como estagiário na Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia — um franco-brasileiro rodeado de «belgo-portugueses» — confrontei-me com algumas dessas diferenças. Nos parágrafos abaixo, citarei alguns termos e expressões que me saltaram aos olhos (e aos ouvidos) ao longo da minha estada em Bruxelas. Não se trata de uma listagem exaustiva, pois para isso já existem dicionários impressos(1) e listas na Internet, mas de um apanhado breve e subjetivo ligado à minha própria vivência.

Para facilitar a leitura e destacar a origem das palavras e expressões, sublinhei as variantes tipicamente brasileiras. Convém ressaltar que, em muitos casos, é possível empregar determinado termo em ambos os lados do Atlântico — o que pode mudar é a frequência de utilização. Isso mostra que não estamos falando (a falar) de entidades totalmente estanques, mas de duas faces de uma mesma moeda — embora no momento o euro esteja um pouquinho (um bocadinho) à frente do combalido real…

Saliento também que, apesar do tom não raro jocoso, a minha intenção não é zombar de nenhuma das variantes do idioma, mas celebrá-las e brindar ao prazer de estar em contato (contacto) com a pátria-mãe, Portugal, algo que me trouxe enorme satisfação na Bélgica e de que sinto saudades no Brasil.

Transportes

Em Portugal, apanha-se na paragem o elétrico, o autocarro, o comboio ou o metro. No Brasil, pega-se na parada/ponto o bonde, o ônibus, o trem ou o metrô. Mas todos acabam por chegar ao mesmo lugar (sítio)(2), sem maiores atropelos, estresse (*stress*) ou paradas (paragens) cardíacas. O cais da estação no Brasil é a plataforma — para os brasileiros, cais é só o do porto(3). Os vagões do metropolitano são chamados carruagens em Portugal, ao passo que no Brasil as carruagens são, em regra, puxadas por animais. Nas ruas brasileiras, o peão é o pedestre, que pode ser um peão (trolha) ou mesmo um caipira (saloio), mas não necessariamente... Caminhão no Brasil não é só um caminho grande, mas também o camião(4) português, dirigido (conduzido) por um caminhoneiro (camionista), que detém uma carteira de habilitação (carta de condução) especial, toma muito cuidado ao fazer marcha a ré (marcha-atrás), gosta de dar carona (boleia) aos amigos e detesta pagar pedágio (portagem). Em Portugal, os aviões descolam e aterram, no Brasil, decolam e aterrissam. Felizmente todos também levantam voo e pousam — e raramente precisam amerissar (amarar) ou alunissar (alunar)! No Brasil o que pode descolar é a retina. E descolado é quem segue a última moda. Aterrador na terra de Vera Cruz é só o preço da passagem (bilhete) em tempos de crise…

Topônimos (topónimos) e afins

Do ponto de vista luso-brasileiro, há um país hermafrodita. Afinal, um brasileiro vai à ilha Maurício e um português, à ilha Maurícia(5). Além disso, os brasileiros contentam-se com o Himalaia no singular (como em francês), já os portugueses acham pouco e falam de Himalaias no plural (como em inglês)(6). Vai ver (se calhar), os portugueses é que têm razão, pois tanto brasileiros quanto portugueses falam de Alpes, Andes ou Apalaches… O maior deserto do mundo é para os brasileiros o Saara, mas os portugueses dão-lhe o simpático nome de uma moça (rapariga): Sara. A acentuação tônica (tónica) também dança segundo uma música ligeiramente diferente nalguns casos: Madagascar (Madagáscar), Zimbábue (Zimbabué) ou Havaí (Havai). Para um português, israelita abrange tanto a nacionalidade quanto a religião, ao passo que no Brasil israelense é o cidadão de Israel e israelita é sinônimo (sinónimo) de judeu(7). Por falar em hebreus, morei em Antuérpia, em Flandres. Mas para os portugueses, vivi na Flandres. Por outro lado, visito o Marrocos, o Timor, mas um português visita Marrocos e Timor. Contudo, um compatriota de Saramago vai ao Mónaco e ao Ruanda, enquanto um conterrâneo de Guimarães Rosa vai a Mônaco e a Ruanda. Irã em Portugal é Irão, Amsterdã é Amesterdão, Roterdã é Roterdão e Vietnã é Vietname. Mas felizmente todos entraram em acordo para o Paquistão, o Sudão e o Afeganistão. Ufa!

Vestuário e esportes (desportos)

Um atleta no Brasil jamais usaria sapatilhas para jogar bola (jogar à bola) ou pular corda (saltar à corda), somente para dançar balé (ballet). Na verdade, usa tênis (ténis), que também é o calçado ideal para correr na esteira (passadeira) da academia (ginásio) ou na quadra (campo) de basquete (básquete). No judô (judo) ou no totó (matraquilhos), pode até permanecer descalço, pois assim não perde tempo com cadarços (atacadores) nem meias — que no Brasil são sempre meias (tanto curtas quanto longas) e jamais peúgas. Em seguida, o esportista (desportista) troca de roupa no vestiário (balneário), toma uma ducha (um duche) e usa xampu (champô) e desodorante (desodorizante). Na terra de Machado de Assis, balneário é uma cidade costeira, como o renomado Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Ninguém jamais usaria sabrinas em terras tupiniquins: Sabrina é só nome próprio, assim como Almeida não passa de um sobrenome (apelido) e nunca é atribuído a um varredor de rua, o gari. Um homem que traja *smoking* usa um laço em Portugal, mas uma gravata-borboleta no Brasil. Borboleta em Portugal, além do inseto, é a catraca (torniquete) que dá acesso a um recinto. Uma brasileira jamais usaria cuecas, que estão reservadas aos homens, mas calcinhas. E mesmo no auge do inverno belga, jamais me passaria pela cabeça usar camisola, que no Brasil é uma roupa de dormir feminina. O que visto, quando estou morrendo de frio (cheio de frio), é um suéter. Afinal, camiseta (*t-shirt*) é apenas para os dias ensolarados (soalheiros/solarengos)(8) do verão austral, e macacão (fato-macaco) é para trabalhar no jardim, algo impensável para um citadino como eu, ainda que vegano e natureba (adepto da alimentação natural).

Culinária

No Brasil, o legume chamado pimentão é o pimento português. E piripíri na terra de Viriato é um condimento, ao passo que além-mar lembra o termo piriri, sinónimo (sinônimo) informal para diarreia… Gergelim (palavra de origem árabe) é o termo corrente no Brasil para o sésamo português, tanto que o gomásio(9) lusitano atende no Brasil pelo nome de gersal (mistura de gergelim e sal)(10). Bala no Brasil não é só o projétil de uma arma de fogo, mas também um inocente rebuçado. O espaguete, originalmente italiano (*spaghetti*), no Brasil não foi agraciado com um «r» como em Portugal (esparguete). A curgete portuguesa (filha da francesa *courgette*) é a abobrinha brasileira. Ademais, na gíria (calão)(11) do Brasil, falar abobrinha é dizer bobagens/besteiras (disparates/tolices). Pobre e injustiçada abobrinha! Mas é a vida: quem nasceu para curgete nunca chega a ser aspargo (espargo)... Macarrão é o termo mais amplo no Brasil para fazer referência às massas, ao passo que em Portugal macarrão diz respeito a um tipo específico, chamado de parafuso (ou *fusilli*) no Brasil. Enquanto um brasileiro se contenta com a palavra semente, os portugueses têm nomes específicos para as de uva (grainhas) e as de abóbora (pevides), algo desconhecido na terra de Jorge Amado. Contudo, fazemos no Brasil a clara distinção entre uma bebida, alcoólica, e uma pessoa, alcoólatra(12)… E os sinônimos (sinónimos) para a prosaica tangerina portuguesa abundam nos trópicos: mexerica, bergamota, poncã ou mimosa(13), segundo o gosto do freguês ou a região do país. No Brasil a barriga da perna também se chama batata da perna. Mas sem canibalismo, obviamente... E tal como na metáfora do copo meio cheio ou meio vazio, o leite meio gordo de Portugal é semidesnatado no Brasil. Afinal, tudo é questão de ponto de vista... Já o leite magro lusitano é desnatado nos trópicos e o leite gordo português tem um nome mais positivo no Brasil: integral. Afinal, as patricinhas (betinhas) e os mauricinhos (betinhos) de Ipanema, que adoram exibir o corpo na orla (à beira-mar), têm ojeriza (aversão) a qualquer menção a gordura...

Galicismos e anglicismos

Há brasileiros que acham os portugueses afrancesados por dizerem pequeno-almoço (*petit déjeuner*) em vez de café da manhã ou desjejum (dejejum), banda desenhada (*bande déssinée*) em vez de história em quadrinhos, Código da Estrada (*Code de la route*) em vez de Código de Trânsito ou bastonário (*batônnier*) da Ordem dos Advogados em vez de presidente. Todavia, são os brasileiros que dizem vitrine (e não montra), Papai Noel (*Père Noël*) em vez de Pai Natal, todo o mundo (*tout le monde*) em lugar de toda a gente, garçom (*garçon*) em vez de empregado de mesa e polonês (*polonais*) em lugar de polaco… Isso mostra que é temerário generalizar, pois a língua é um fenômeno (fenómeno) complexo demais (demasiado complexo) para análises redutoras e simplistas. Em todo o caso, nota-se grande influência do inglês (norte-americano) no Brasil nas últimas décadas, ao passo que em Portugal em muitos casos o francês prevaleceu. No Brasil, por exemplo, fala-se sobretudo de lavagem de dinheiro (*money laundering*), em Portugal fala-se mais de branqueamento de capitais (*blanchiment de capitaux*); no Brasil os alimentos sem pesticidas são conhecidos como orgânicos (*organic*), em Portugal, como biológicos (*biologiques*); no Brasil fala-se de concreto (*concrete*), em Portugal, de betão (*béton*); no Brasil há carros conversíveis (*convertible*), em Portugal, descapotáveis (*décapotables*); no Brasil usamos controle remoto (*remote control*), em Portugal, prefere-se o telecomando (*télécommande*); no Brasil assistimos a transmissões ao vivo (*live*), em Portugal, em direto (*en direct*).

Estudos

Em homenagem ao meu colega estagiário Carlos Dias Araújo, português de Ponte de Lima (embora nascido no Brasil), com quem dividi a sala (gabinete) por cinco meses e que concluiu há pouco a sua tese de Biologia, segue-se uma frase com a respetiva «tradução» de PT-BR para PT-PT. O bolsista, depois de pagar taxas escolares caras, participar de muitos treinamentos, fazer incontáveis lições de casa/deveres de casa, virar inúmeras noites, revisar diversos artigos científicos e sobreviver à banca, terminou o doutorado e pretende virar pesquisador, embora tema não ter muitas chances em Portugal. O bolseiro, depois de pagar propinas caras, participar em muitas formações, fazer incontáveis trabalhos para casa, fazer inúmeras diretas, rever diversos artigos científicos e sobreviver ao júri,

terminou o doutoramento e tenciona tornar-se investigador, embora tema não ter muitas hipóteses em Portugal. Investigador no Brasil seria o da Polícia Civil (Judiciária), propina seria um suborno e júri seria o dos tribunais. Além disso, banca no Brasil jamais seria o sistema bancário… (Ainda que os banqueiros no mundo inteiro ponham banca — se julguem superiores.)

Linguagem administrativa/jurídica

Preencher um cadastro no Brasil é uma das atividades mais corriqueiras em qualquer banco ou loja, mas em Portugal a expressão é usada principalmente (nomeadamente) no contexto policial: cadastrado é um criminoso perigoso. Concurso público no Brasil é apenas o processo seletivo para candidatos a servidor público, nunca uma licitação para escolher uma empresa para determinado projeto governamental. O edital de licitação é o caderno de encargos, por meio do qual o público toma ciência (conhecimento) das condições estipuladas para o processo licitatório. Autarquia no Brasil é um órgão auxiliar do Estado(14), e autarca nunca faz menção a uma autoridade municipal — a não ser que se trate de um tirano (o que por vezes até existe…). As eleições autárquicas são, portanto, as eleições municipais no Brasil. O prefeito no Brasil é o presidente da câmara municipal em Portugal e a câmara de vereadores (ou câmara municipal) no Brasil é a assembleia municipal em Portugal. Tribunal de justiça é o equivalente brasileiro do tribunal da relação(15). No Brasil a pessoa física é sempre física (ou natural), mas nunca singular, e as decisões vinculativas são vinculantes, ainda que mirabolantes. Em bom juridiquês brasileiro, prolatar uma sentença é proferi-la, cláusula pétrea diz respeito aos limites materiais de revisão, a pomposa oitiva é uma banal audição e *caput* é o enunciado principal do artigo de uma lei (em latim é mais chique...). O Ministério das Relações Exteriores no Brasil é o Ministério dos Negócios Estrangeiros em Portugal e nos trópicos o Ministério das Finanças chama-se Ministério da Fazenda, como outrora em Portugal(16). Fazenda no Brasil é também uma quinta ou herdade. E como não faltam fazendeiros (proprietários de herdades) endinheirados na Pindorama(17), talvez a conexão ministerial não seja mera coincidência... A delegacia de polícia no Brasil corresponde à esquadra em Portugal — as esquadras brasílicas são só as formadas por navios. No Congresso Nacional do Brasil (formado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal), realizam-se muitas audiências públicas (para poucos resultados). Já na Assembleia da República de Portugal, organizam-se audições públicas. Nas eleições brasileiras, há segundo turno (segunda volta) quando nenhum candidato alcança votação majoritária (maioritária). Não obstante, como ainda não há terceiro turno, há quem peça o *impeachment* (destituição) dos desafetos (adversários), mesmo com base em grampos (escutas telefónicas) controversos. Na configuração administrativa do Brasil, os estados são divididos em municípios e os municípios, em distritos. Em Portugal, os distritos estão acima dos municípios, que por sua vez são formados por freguesias(18). No Brasil só índios moram em aldeias: tal termo remete necessariamente a uma povoação indígena constituída de ocas (cabanas cobertas de palha)(19). Seja onde for, o imposto de renda (imposto sobre o rendimento) é motivo de pesadelos para quem enfrenta a inflação crescente e paga um aluguel(20) (renda) salgado ao proprietário (senhorio). O melhor é sonhar com a aposentadoria (reforma ou aposentação)...

Como pude perceber (aperceber-me) ao longo do meu estágio e das minhas interações anteriores com o português europeu, há imensa diversidade na unidade lusófona, tanto em aspetos ortográficos (apesar da aproximação proporcionada pelo acordo), léxicos e morfossintáticos quanto em questões culturais. Não obstante, basta uma dose de desenrascanço português ou de jeitinho brasileiro para conseguir entender (perceber) as nuances e sutilezas (subtilezas) de cada variante, bem como a sua beleza e o seu colorido, que tanto sublimam a «última flor do Lácio»(21).

jalesroc@senado.gov.br

---

(1) Exemplos: Vilar, M., *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1989;
Prata, M., *Schifazfavoire: Dicionário de Português*, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2014;
Louceiro, C., Ferreira, E., Cruz, E., *7 Vozes: Léxico Coloquial Do Português Luso-Afro-Brasileiro: Aproximações,* Editora Lidel, Lisboa, 1997;
Pinho, A. C. de, *Variantes Cariocas da Língua Portuguesa*, Chiado Editora, Lisboa, 2012;
Simas Filho, R., *Dicionário Português-Português Lá & Cá*, Editora Thesaurus, Brasília, 2011.

(2) Sítio no Brasil é uma pequena quinta, como no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.
(3) Em Portugal tem-se usado cada vez mais a palavra plataforma nesse contexto, quiçá pela tradução do inglês *platform*, que vem suplantando a tradução do francês *quai*.
(4) Caminhão-pipa no Brasil é o camião-cisterna em Portugal.
(5) Alguns portugueses usam o plural: ilhas Maurícias.
(6) Esta é a tendência atual em Portugal, onde no passado também já se utilizou com mais frequência o singular (Himalaia).
(7) No Brasil, palestiniano é palestino. A propósito, ambas as formas são possíveis em Portugal, apesar da nítida preferência dos meios de comunicação portugueses por palestiniano, devido à influência do inglês *Palestinian* e do francês *palestinien*.
(8) O vocábulo solarengo é totalmente desconhecido no Brasil. Aliás, apesar da utilização frequente em Portugal, poucos dicionários do país dão a solarengo a aceção de ensolarado, antes associam esse adjetivo ao substantivo solar (moradia de família nobre). Soalheiro também é uma palavra de rara utilização no Brasil.
(9) Gomásio vem do japonês *gomashio*.
(10) Misturar nomes é uma velha tradição brasileira, principalmente na região Nordeste do país: não é raro encontrar pessoas chamadas Franciscleide ou Clariosvaldo.
(11) A gíria portuguesa é o jargão brasileiro (linguagem específica de determinado grupo sociocultural ou profissional), e a gíria brasileira é o calão português.
(12) Exceto na expressão Alcoólicos Anônimos (Anónimos), calcada diretamente do inglês *Alcoholics Anonymous*.
(13) Bergamota é o termo preferido no Rio Grande do Sul, mimosa (ou laranja-mimosa), no Paraná. Mexerica e tangerina são termos usados no restante do país. A palavra poncã, de origem japonesa, aplica-se a um tipo específico de tangerina, mas alguns brasileiros utilizam-na indistintamente. Mandarina é outro termo usado em certos locais do Brasil.
(14) Exemplos de autarquias no Brasil: o Banco Central, as agências reguladoras, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e órgãos como o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) e as universidades federais.
(15) Embora os tribunais no Brasil se chamem oficialmente tribunais, não é raro referir-se a eles como cortes, por influência de *court* (do inglês) e *cour* (do francês).
(16) O Ministério das Finanças apareceu em Portugal com a implantação da República em 1910.
(17) Pindorama é um sinónimo de origem indígena para o Brasil.
(18) No Brasil, freguesia tem a ver com as paróquias católicas ou a clientela de um comerciante.
(19) Um núcleo habitacional de dimensões reduzidas no Brasil é um povoado ou, na linguagem corrente, uma cidadezinha.
(20) No Brasil aluga-se tanto um bem imóvel (casa) quanto móvel (carro). E não se emprega a grafia aluguer, mas aluguel. O verbo arrendar não é muito utilizado na linguagem corrente do Brasil e a palavra renda diz respeito sobretudo aos rendimentos de uma pessoa, não ao valor pago pela ocupação de um imóvel ou de terras de cultivo.
(21) Primeiras palavras do poema «Língua Portuguesa», do poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918).

«Ciclo vicioso» ou «círculo vicioso»?

João Pedro Gomes
Antigo tradutor da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Há pontos [e já começa a Geometria a meter-se onde não é chamada...] da língua em relação aos quais não vale a pena querer seguir nem a lógica única que possa haver nem uma lógica entre várias possíveis.

Também não interessa tentar mostrar que o presente é apenas uma deturpação do passado. Ou antes: podemos ter consciência do que se foi passando, perceber melhor uma certa evolução em termos diacrónicos. Mas não é essa melhor perceção que vai convencer os falantes de hoje, num mesmo momento (sincrónico), a voltar a falar como num antigamente que desconhecem. Um exemplo: «círculo» pode provir (como diminutivo) de «circo» (como «cana-cânula», «pelica-película», etc.) e ter depois dado origem a «**circlo* => ciclo», tendo havido certamente momentos em que duas destas três formas eram pronunciadas indiferentemente como alternativas. (Digo «pronunciadas» porque durante milhares de anos quase ninguém sabia escrever — e a expressão oral está muito mais sujeita a variações do que a expressão escrita, por falta de suporte visível.)

Além disso, as línguas faladas não são ciências — e as escritas também não, senão vivíamos sem literatura. Assim, podem existir «círculos literários», onde não é obrigatório falar de geometria; «círculos bem informados» de todas as formas e feitios; «círculos culturais» com mais ou menos cultura (geométrica ou outra), etc. E, por exemplo, no tempo do papel, todas as circulares que costumavam ser afixadas eram em papel A4, ou seja, eram circulares sistematicamente retangulares — sem nunca ninguém ter morrido por causa disso.

Todo este (longo) introito para voltar ao título: dizemos «ciclo» ou «círculo» vicioso?

Por mim, não vejo como é que um círculo pode ser vicioso — a não ser que deixe de ser círculo: se tem vícios, talvez fique rombudo ou ovalado, deixando os pontos extremos de ficar à mesma distância do centro. Por outro lado, se é círculo e roda, em torno do centro, não tem fases nem sai de onde está.

Já com o ciclo a situação é diferente, pois é normalmente constituído por várias fases ou etapas que visam passar a um nível seguinte, já superior. Volta-se então a passar pelas diversas fases do ciclo, e tenta-se de novo subir ainda mais, e assim sucessivamente, avançando sempre.

Porém, quando há alguma coisa, numa das etapas, que contém um vício ou erro e funciona mal, impedindo o avanço e levando sempre à repetição do mesmo caminho e do mesmo erro, nesse caso o ciclo é vicioso, tem esse vício, esse erro que não lhe permite avançar para a fase seguinte.

É como se no ensino, ao fim do 1.º ciclo, cada aluno, por um vício qualquer do sistema, voltasse ao 1.º ano do mesmo ciclo, em vez de passar ao 1.º ano, sim, mas do ciclo seguinte. Ora, ainda bem que o ensino não prevê ciclos desses — pois seriam como círculos a andar à roda sem sair do sítio.

E não vale a pena argumentar-se (?) que «ciclo» e «círculo» vêm da mesma origem no latim, pelo que tanto faria dizer uma coisa como a outra. (Por essa ordem de ideias, podia chamar «padre» ao meu pai, apesar de ele não ir à igreja... já que ambas as palavras vêm da mesma origem *pater*.)

Em alguns casos, como em português, a confusão (?) pode explicar-se por a pronúncia ser parecida (a vogal tónica «i» é a mesma), mas noutras línguas (inglês e francês, p. ex.) a confusão (?) também existe, apesar de a vogal ser diferente (v. EN: *circle/cycle* e FR: *cercle/cycle*). Acaso não deve ser...

Mas parece universal que só os erros é que se espalham. É a vida (das línguas).

joao.gomes.ec@hotmail.com

P.S. Gostaria de ouvir outras opiniões, de tradutores ou não, sobre o que pensam/sentem quanto a este par ciclo/círculo.

EIIL/Daexe — geografias e transliterações

Paulo Correia
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Desde a sua criação em 2013 até aos atentados de Paris de 2015, o autodenominado Estado Islâmico[1] era referido pela sigla das designações em português, francês ou espanhol, mas também, muitas vezes, pelos acrónimos em inglês.

EIIL	— Estado Islâmico do Iraque e do Levante
ISIL	— Islamic State in Iraq and the Levant
ISIS[2]	— Islamic State in Iraq and **al-Sham**
	— Islamic State in Iraq and **ash-Sham**
	— Islamic State in Iraq and Syria
	— Islamic State in Iraq and Greater Syria

A existência de dois acrónimos em inglês demonstra a dificuldade de **traduzir** o topónimo **Xame** (ou Axame) — الشام (/ʔaʃ-ʃaːm/), Sham (em inglês).

O que é o Xame?

As terras do Xame incluem, para além da atual Síria, a Jordânia, o Líbano e a Palestina, todos territórios do ramo ocidental do chamado Crescente Fértil[3] — o berço da nossa civilização. Em árabe, Xame significa literalmente **Norte**. O termo tem como raiz «esquerda»: a posição do território para um observador em Meca orientado para nascente, ou seja, o norte[4].

Não sendo o ponto de observação do mundo de um árabe o mesmo que o de um ocidental, não faria muito sentido chamar Norte ao Xame. Houve, assim, que procurar um termo ocidental que cobrisse a mesma área, tendo sido avançadas várias soluções: Síria, Grande Síria, Levante.

Síria não é uma boa solução por poder confundir-se com o território do país do mesmo nome, embora o efémero Reino Árabe da Síria, pós-Império Otomano, se tivesse estendido dos montes Tauro à península do Sinai, *grosso modo* o território do Xame. O termo **Grande Síria** utiliza-se para desfazer essa confusão.

Levante corresponde, neste caso, à posição que os territórios ocupam para quem navega para leste no Mediterrâneo oriental. Neste caso, verifica-se que, em função da posição do observador, um mesmo território pode ser designado como norte por uns e levante por outros. Não é caso único, como se verá mais adiante.

Daesh, Daech ou Daexe?

Após os ataques de Paris de 2015, e por aparente iniciativa francesa, vulgarizou-se o uso de um novo termo resultante da adaptação do **acrónimo** árabe de Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

داعش — الدولة الإسلامية في العراق والشام (ad-Daula al-Islāmiyya fī l-ʿIrāq wa-š-Šām)

الدولة = د	Estado
الإسلامية = ا	Islâmico
العراق = ع[5]	Iraque
الشام = ش	Xame

O acrónimo داعش (/daːʕʃ/)[6] foi vertido em francês como **Daech** (ou mais raramente Daïch), tendo sido imediatamente adaptado às regras de transliteração do inglês — **Daesh** (mas também Da'esh ou

Da'ish)[7]. Que grafia adotar para o termo em português? Uma das formas inglesas? Uma das formas francesas? Uma possível forma portuguesa?[8][9]

A principal questão a resolver é a representação do som /ʃ/ da letra «ش». O francês e o inglês fazem equivaler-lhe os dígrafos «ch» e «sh», respetivamente. Em português a solução mais correta é o «x». Essa correspondência entre «ش» e «x» tem, aliás, longa tradição na toponímia em português. Exemplos:

- **Marraquexe**[10] (مراكش), em vez de Marrakech (fr) ou Marrakesh (en) — cidade de Marrocos
- **Mogadixo** (مقديشو), em vez de Mogadiscio (it) ou Mogadishu (en) — cidade da Somália
- **Maxerreque** (مشرق), em vez de Machrek (fr) ou Mashriq (en)
- **Laraxe** (العرايش), em vez de Larache (fr) — cidade de Marrocos
- **Xarja** (الشارقة), em vez de Charjah (fr) ou Sharjah (en) — emirado dos EAU
- ou **Vila Franca de Xira, Caxias, Odeceixe, …**

O GITP (Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa) decidiu, assim, adotar a grafia **Daexe** (cf. ficha IATE: 3550620). O «e» final no acrónimo português destina-se a desambiguar o valor do «x» final da palavra (cf. Marraquexe).

> (…), não faria sentido adotar em português a transliteração da língua inglesa (Daesh), ou a francesa (Daech), ou a alemã (Daesch), etc. Em português, a letra que inicia a palavra **Xam[e]** sempre foi grafada com o nosso «x». Pela mesma razão que em inglês se escreve *sheikh* e em francês, *cheikh*, o título árabe chamado xeique ou xeque em português — ou pela qual escrevemos xiitas, enquanto os franceses escrevem *chiites* e os ingleses *Shias* — é que a adaptação, ao português, do nome árabe do grupo Estado Islâmico (Daesh em inglês, Daech em francês) é, em português, **Daexe**.
> É essa, aliás, a forma corretamente usada pela União Europeia, que, ao traduzir para cada uma de suas 23 línguas oficiais uma «Proposta de resolução do Parlamento Europeu sobre o perigo do Daexe na Turquia», usou, corretamente, o aportuguesamento Daexe.[11]

Neste seguimento, numa futura revisão do *Código de Redação Interinstitucional*, poderiam rever-se algumas grafias de termos de origem árabe mais decalcadas do francês[12]. Assim:

- **Nuaquexote** (نواكشوط), em vez de Nuaquechote ou Nouakchott (fr)
- **Haxemita** (الهاشميّة), em vez de Hachemita, Hachémite (fr) ou Hashemite (en) — Reino Haxemita da Jordânia

Relatividade geográfica

Devido à tradução na comunicação social e nas obras académicas, estamos muito habituados a ver o mundo com olhos franceses, britânicos e/ou americanos e a adotar a respetiva terminologia geográfica. Um caso paradigmático é o das várias designações aparecidas em diferentes épocas históricas e refletindo diferentes pontos de vista e que correspondem a diferentes conceitos geográficos que se sobrepõem na zona ocidental da Ásia ao sul do Cáucaso:

- **Próximo Oriente** (ponto de vista europeu) — correspondia a territórios levantinos do antigo Império Otomano[13]
- **Médio Oriente** (ponto de vista inglês inicial) — correspondia aos territórios entre os antigos Império Otomano e Império das Índias
- **Médio Oriente** (ponto de vista americano e inglês atual) — corresponde a uma zona que inclui o «antigo» Próximo Oriente mais a península Arábica, o Egito e o Irão[14]

O antigo *Expresso do Oriente* ligava Londres e Paris a Constantinopla (atual Istambul), no então Próximo Oriente. Atualmente o ponto de vista americano é o predominante, fazendo com que se entre no Oriente — termo ocidental — diretamente pelo Médio Oriente[15]. Excluem-se comummente deste Oriente Chipre e os países transcaucasianos da ex-URSS (Geórgia, Arménia e, por arrasto, Azerbaijão), tradicionalmente considerados europeus.

Esta visão ocidentocêntrica, do que é o Oriente, não é partilhada, por exemplo, pelos chineses, que consideram estar no centro do mundo. China em chinês (中国, Zhōngguó) significa País do Meio.

As designações geográficas constituídas por pontos cardeais em abstrato ou indicativas de um lado em relação a um qualquer acidente geográfico são sempre subjetivas, pois dependem da posição daquele que põe o nome.

Casos de ponto de vista árabe:

- **Algarve**, oeste[16] — ponto de vista do antigo Califado de Córdova
- **Magrebe**, oeste[17] — ponto de vista egípcio
- **Maxerreque**, leste — ponto de vista egípcio

Outros pontos de vista:

- **Anatólia**, leste, a península asiática da Turquia — ponto de vista grego
- **Alentejo**, território ao sul do Tejo — ponto de vista português no tempo da Reconquista cristã
- **transalpino**, como sinónimo de italiano — ponto de vista francês
- **Transcaucásia**, região a sul do Grande Cáucaso — ponto de vista russo
- **Transnístria**, região a leste do rio Nistro (mais conhecido em português como Dniestre) — ponto de vista moldavo
- **Transdanúbia**, região a oeste do rio Danúbio — ponto de vista húngaro
- **Gália Cisalpina**, na planície do Pó — ponto de vista romano
- **Cisjordânia**, margem ocidental do rio Jordão — ponto de vista ocidental
- **Cisplatina**, atual Uruguai, antiga província do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a leste do rio da Prata — ponto de vista luso-brasileiro.

Paulo.Correia@ec.europa.eu

---

(1) Grupo radical islamita formado em 2006 como Estado Islâmico do Iraque (EII); passou posteriormente a designar-se Estado Islâmico do Iraque e do Levante e finalmente, em 2014, apenas Estado Islâmico, com a instituição do autoproclamado califado.

(2) Geralmente pronunciado ísis.

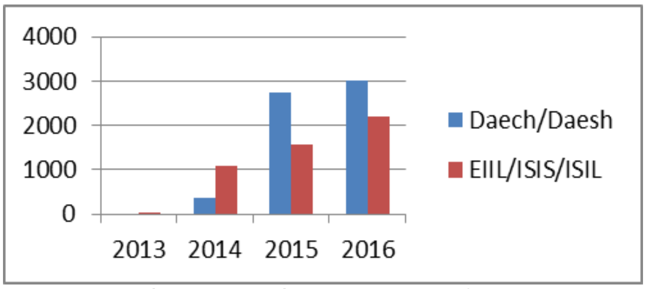
(3) O Crescente Fértil inclui também o território da antiga Mesopotâmia, atual Iraque.

(4) Segundo alguns autores, a origem da palavra Iémen tem como origem o termo «direita» — a posição do Iémen para um observador situado na parte ocidental da península Arábica e orientado para nascente — ou seja, o sul.

(5) A letra ع, que representa um contração gutural sonora, representa-se como عـ no início das palavras, ـعـ em posição média e ـع em posição final.

(6) A sigla árabe (soletração) daria algo como dāl-alif-ʻayn-shīn.

(7) As memórias de tradução Euramis refletem o aparecimento do novo termo — inexistente em 2013, minoritário em 2014, maioritário a partir de 2015.



Número de ocorrências em segmentos fr e en
(2016, extrapolação a partir dos primeiros três meses e meio; ISIS aparece nas memórias também com outros sentidos)

(8) Em meados de abril, nos segmentos pt das memórias de tradução Euramis encontravam-se 53% de formas francesas, 34% de formas inglesas e 13% de formas portuguesas.

(9) Perante alguns nomes árabes de uso mais frequente, o tradutor tem, geralmente, duas opções:

a) oscilar entre diferentes grafias francesas e/ou inglesas, em função do original;

b) utilizar uma grafia portuguesa devidamente fundamentada, pois, aparentemente, no atual momento da língua portuguesa, apenas esta segunda opção requer explicação e justificação.

Cf. «Calendário da Hégira e algumas curiosidades» *in* «a folha» n.º 49 — outono de 2015, http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha49_pt.pdf.

[10] Ou Marráquexe. Deu origem ao nome do país — Marrocos — em português e demais línguas europeias. O nome do país em árabe é Magrebe (oeste), que tem a mesma raiz que Algarve.

[11] Dicionarioegramatica, «ISIS, Estado Islâmico, Daesh ou Daexe?», https://dicionarioegramatica.com.br/2015/11/24/isis-daesh-ei-eiil-ou-daech-como-chamar-o-estado-islamico/.

[12] Esta revisão poderia ainda alargar-se a palavras com outras origens não grega ou latina onde figura o som /ʃ/:

- **Quixinau** (Chișinău), em vez de Quichinau
- **Duxambé** (Душанбе), em vez de Duchambé — Dushanbe (en), Douchanbé (fr)
- **Bangladexe** (বাংলাদেশ) em vez de Bangladeche. Cf. Pradexe — Estado (ortografia utilizada na Lello Universal para estados da Índia. Bangladexe — País de Bengala

[13] Atuais Turquia, Síria, Líbano, Jordânia, Palestina, Israel, Iraque.

[14] Atuais Turquia, Egito, Síria, Líbano, Jordânia, Palestina, Israel, Iraque, Arábia Saudita, Koweit, Barém, Catar, EAU, Omã, Iémen, Irão.

[15] Será a Europa continental o atual Próximo Oriente? De referir que a Real Academia Espanhola considera que o Oriente Médio é constituído pelo Afeganistão, Paquistão, Índia, Maldivas, Sri Lanca, Nepal, Butão e Bangladexe.

[16] Na realidade, o nome completo seria Gharb al-Andalus, a parte mais ocidental do Al-Andalus.

[17] Na realidade, o nome completo é al-Maghrib al-ʻArabī.

Tendências da língua portuguesa: as inócuas e as iníquas (III)

Jorge Madeira Mendes
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

> Ele é um supra-*bankster*. Ele simboliza o próprio gangsterismo na banca. Primeiro, porque o seu banco era enorme para um país pequeno. Em segundo lugar, porque ele acreditava que estava acima da lei. Ele acreditava na impunidade, ele tinha ligações próximas com políticos. Ele tinha ligações próximas a um regulador frágil e ele tinha [o banco central] nas mãos. Ele recorreu a paraísos fiscais, daqueles mesmo sujos, como o Panamá e o Luxemburgo. Ele escondeu coisas do regulador ou o regulador foi cúmplice... Não sabemos. Ele é o supra-*bankster*.

Neste texto, divulgado na Internet sobre um certo *bankster*[1] cuja identidade me abstenho de precisar, há dez orações que têm todas o mesmo sujeito e que, tirando as intercalações «Primeiro, porque o seu banco era enorme para um país pequeno» e «Não sabemos», se sucedem contiguamente.

Ora, quando o sujeito não muda, é regra tradicional em português não o repetir — designadamente porque, na nossa língua, tal como em italiano e em espanhol, as formas verbais são bastante diferenciadas: quaisquer que sejam o verbo, o tempo ou o modo, a forma correspondente a «eu» distingue-se, em geral, da correspondente a «tu», a «nós», a «eles»... (e reciprocamente).

Não assim, por exemplo, em inglês: *had* ou *loved* tanto dão para *I* como para *you*, *she*, *it*, *we* ou *they*, o que torna necessário explicitar inequivocamente a pessoa — ao passo que *tive*, *tiveste*, *teve*, *tivemos*, *tivestes*, *tiveram* ou *amei*, *amaste*, *amou*, *amámos*, *amastes*, *amaram* dispensam perfeitamente *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós* ou *eles*.

Entretanto, aquilo a que, com galopante e descoroçoante desgosto, assisto nos meios de comunicação portugueses é «ele» para aqui, «ele» para ali, «ela» para cá, «ela» para lá.

Sendo os pronomes «eu», «ele»/«ela» e «eles»/«elas», curiosamente, os mais castigados, nem por isso os restantes escapam à «tendência». Lembro-me, circunstancialmente, do filme *The Reader* (*O Leitor*), a história da primeira paixão de um adolescente (Michael Berg, protagonizado por David Kross) por uma mulher madura (Hanna Schmitz, protagonizada por Kate Winslet). A «mulher madura» é, na realidade, a antiga e pouco escrupulosa guarda de um campo de concentração nazi, como Michael vem

a descobrir poucos anos mais tarde, quando, na qualidade de estudante de Direito, assiste ao julgamento de um grupo de agentes nazis acusadas do homicídio de várias dezenas de prisioneiras à sua guarda. Mais uns tantos anos depois, o já adulto Michael Berg (agora protagonizado pelo alto e espadaúdo Ralph Fiennes) visita a sua «primeira paixão» na cadeia. Ao vê-lo, esta exclama: «*You grew up, kid!*», o que, na legendagem em francês (vi o filme pela primeira vez em Bruxelas), foi, corretamente, traduzido por «*T'as grandi, gamin!*». Por «vício» profissional, fiz de imediato uma tradução mental para português: «*Estás crescido, miúdo!*». Mas, quando voltei a ver o filme num canal de televisão português, dei-me conta de que a fórmula escolhida fora: «*Tu cresceste, miúdo!*». Se é inequívoca a pessoa à qual corresponde a forma verbal «cresceste», tornava-se supérfluo (e, portanto, deselegante) expressá-la.

A explicação desta «tendência» deve estar no amadorismo de certas traduções. O tradutor pouco experiente raciocina assim: se em inglês aparecem *I*, *you*, *he*, *she*, *it*, *they*, em português não podem faltar *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *eles*, *elas*; porque, como todos sabemos, traduzir não é mais do que substituir cada palavra da língua de partida pela correspondente palavra na língua de chegada...

Vejamos agora o seguinte trecho, no qual é manifesta a colagem ao inglês, resultante de uma tradução amadorística:

> Na cidade de E., [...] tinha um irmão mais novo para cuidar. Ele caía muito e magoava-se. Ela adorava-o. Eles cresceram de tal modo unidos que eu temia que ele se tornasse fraco e dependente. Ele era na verdade tão voluntarioso quanto propenso a procurar proteção nos outros [...]. Ele teve amor, atenções e uns exemplos.

Ou esta frase, extraída de um anúncio publicitário relativamente recente:

> «Se *eu* não pudesse usar a cabeça, *eu* usaria os pés...».

Um dos «eu» está claramente a mais, pois não há mudança de sujeito. Bastaria: «Se *eu* não pudesse usar a cabeça, usaria os pés...»; ou mesmo: «Se não pudesse usar a cabeça, usaria os pés...», como se dizia nos saudosos tempos em que falar correta e elegantemente era um preceito.

A primeira vez que me deparei com estas construções gritantemente cacofónicas foi numa exposição comemorativa dos cem anos da independência do Luxemburgo, em 1989: numa secção dedicada à multiculturalidade do Grão-Ducado, a foto de uma criança na escola exibia a seguinte legenda: «Ela é portuguesa. Ela fala *Lëtzebuergesch*.» A ideia que se pretendia veicular era de que, apesar das suas origens diversificadas, as crianças, no Luxemburgo, eram unidas pelo idioma nacional. Ocorreu-me, pois, uma forma muito mais natural e condicente com o nosso uso: «É portuguesa e fala *Lëtzebuergesch*.» Na altura, pensei que se trataria de um caso, anedótico e não representativo, de tradução à pressa. Longe estava de adivinhar a tendência que se avizinhava.

O que começa por ser colagem excessiva a uma língua de partida (senão mesmo erro de tradução) vai entrando insidiosamente na linguagem coloquial das novas gerações e acaba por se fixar como padrão. Sintomaticamente, a canção criada por António Variações há umas três décadas («Estou bem aonde não estou, porque eu só quero ir aonde não vou») foi reeditada há menos de dez anos na seguinte variante: «Eu só estou bem aonde eu não estou, porque eu só quero ir aonde eu não vou».[(2)]

É certo que, de um ponto de vista estritamente técnico, pode não haver erro na repetição do pronome (ainda que *ad nauseam*). Mas há uma grande falta de estética. E há, sobretudo, ignorância das regras tradicionais.

Acresce que se podem igualmente gerar situações ambíguas. Consideremos, por exemplo, a seguinte frase:

> Quando *a professora* entrou na sala, *ela* abriu a janela.

À luz da tendência recente, o sujeito dos verbos «entrar» e «abrir» será o mesmo: a professora. Ora, classicamente, quando o sujeito é o mesmo, não tem de ser repetido. A forma clássica da frase seria:

> Quando *a professora* entrou na sala, abriu a janela.

Ainda segundo a regra tradicional, a explicitação do pronome *ela* na segunda oração indica que o sujeito do verbo «abrir» já não é o mesmo que o sujeito do verbo «entrar». Quem abriu a janela não será já a professora (que foi quem entrou na sala), mas uma outra personagem (uma aluna, por exemplo):

> Quando a professora entrou na sala, a aluna abriu a janela.

A regra tradicional era, pois, muito menos conducente a confusões. Pelo que, apesar de atrás ter admitido que «pode não haver erro na repetição do pronome», concluo que, além de feia, esta tendência galopante da lusofonia é iníqua!

***

Em contrapartida, parecem-me inócuos certos termos ou expressões de génese pouco erudita que se vão entranhando no quotidiano da linguagem e que julgo inútil combater.

É, por exemplo, o caso de «à séria». Dir-me-ão o que há de flagrantemente errado numa expressão como «fazer as coisas *à séria*» (cuja versão «correta», para alguns, seria antes «fazer as coisas *a sério*»).

Parece-me comparável a outras expressões portuguesas consagradas, como «viver *à grande*» ou «despedir-se *à francesa*».

Existem várias ocorrências — pacíficas — de expressões ou palavras com «duplos», em que uma das formas evolui por via popular e a outra por via erudita: «à séria» e «a sério»; «perca» e «perda»; «maldizente» e «maledicente»; «condizente» e «condicente»... Não há erro. Qualquer dos elementos de cada par é legitimíssimo. A triunfarem as formas menos eruditas, será uma tendência inócua.

Jorge-Madeira.Mendes@ec.europa.eu

---

(1) Neologismo (mordaz) que resulta da síntese entre *banker* e *gangster*.

(2) Note-se que a própria versão original contém um «eu» dispensável no trecho «eu só quero ir aonde não vou», pois o sujeito da forma verbal «quero» é inequívoco; do mesmo modo, no trecho «Estou bem aonde não estou», o pronome relativo «aonde» é incorreto: tratando-se do «lugar em (que estou)», deveria ser «onde». Já no trecho «só quero ir aonde não vou», o pronome está correto: tratando-se do «lugar a (que não vou)», tem de ser «aonde». Estas duas pequenas irregularidades («eu» redundante e «aonde» incorreto) podem, porém, ser vistas como «liberdades poéticas», que o autor se terá permitido, possivelmente, por contingências de métrica.

Na melhor nódoa cai o pano…

João Pedro Gomes
Antigo tradutor da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Um sinal dos tempos (1)

Num contexto de necessidade de mudança permanente, sempre para se ser ou parecer mais moderno do que os outros, o que está errado aproveita-se (porque é novidade, é desviante — e sobretudo, convenhamos, porque não se sabe o suficiente para ver que é erro) e o que está certo não se repete (desde logo porque não seria novidade). É o terrorismo do «ser diferente».

Claro que, se uma forma errada, ou fora da norma, for deliberadamente escolhida, por opção, com vista a efeitos criativos, sugestão de conotações, etc., essa opção, vindo de quem sabe o que faz e conhece as regras, até pode acrescentar valor ao património da língua. O problema é se não se tem a mínima consciência de que há regras ou de quais elas são.

Pode-se viver e comunicar assim? Pode! Parece que a linguagem humana existe há umas dezenas de milhares de anos — mas só desde há algumas décadas (apenas um século!!!) é que há escolaridade obrigatória na maioria dos países. Obviamente que, antes da escolaridade, já toda a gente falava, mesmo sendo analfabeta. Era quase como hoje. Mas é conveniente ter em conta certas proporções: a era da escolaridade corresponde a quase um milésimo da história da linguagem humana — e esta, por sua vez, apenas está presente numa pequeníssima parte da existência do género *Homo* neste planeta. (E deixo de fora considerações sobre a dicotomia entre língua e fala, no sentido de Saussure.)

A adaptação das massas à escrita, embora demorada, parecia estar a avançar — mas agora parece retroceder. É como se falar fosse uma coisa tão exclusivamente pessoal como a forma de andar ou vestir: ninguém tem nada com isso nem pode limitar a *quer*iatividade de cada um falar como... quer, ou seja, como (não) sabe.

Uns meses após o regresso ao solo pátrio, não paro de constatar *nu*vidades. Não é só o rei que vai nu: é toda a corte — e mesmo todo o reino! Talvez por fidelidade...

A figura do revisor desapareceu de jornais, revistas, telejornais e até de muitos livros publicados. É, aliás, uma medida que faz todo o sentido: numa época de minimização dos custos, para quê gastar dinheiro com uma pessoa cuja inútil tarefa seria apenas corrigir erros que de qualquer modo ninguém (ou quase) iria detetar, mesmo entre os que compram alguns livros?

Ora aí está uma medida sensata, amplamente seguida e cujos resultados estão a exceder tudo o que se poderia esperar.

Para que fique claro, infringir as regras da língua não é ilegal e muito menos anticonstitucional. Aliás, é mesmo natural: é o acumular de erros ou pequenos desvios (por exemplo, de pronúncia) num momento que, com efeitos sistémicos, acaba por obrigar as línguas a irem mudando com o tempo até uma nova forma no futuro.

Deste ponto de vista, há erros com futuro. O que não impede que sejam erros hoje... — além de que nem todos os erros vingam.

Um sinal dos tempos (2)

Nas sociedades modernas, a TV é a Bíblia e os fiéis seguem-na cegamente [sim, é a palavra certa — como em qualquer religião].

Sendo assim, vejamos alguns versículos desta nova Bíblia-TV:

O problema, frequente, é muita gente nem pensar que traduzir é algo que se pode (e tem de) aprender. Não pensam (n)isso e devem achar que é tudo *aut'mático*. Há um ror de «evidências» a mostrá-lo — como é evidente.

Ao contrário da cultura, que dá muito trabalho a quem a tenta, a incultura é sempre de massas e, portanto, só se pode dizer uma coisa sobre ela: que medra! (Isto não é elitismo, mas apenas antimiserabilismo!)

Receio bem que «a folha» tenha de aumentar a frequência de publicação, se quiser cobrir o número ilimitado de exemplos concretos, pois basta ligar qualquer canal em qualquer dia a qualquer hora.

A ignorância é tão ignorante que só copia aquilo que é erro; aquilo que está certo e que pode levar a aprender mais NUNCA é reproduzido/copiado/multiplicado, não tendo hipóteses, senão de desaparecer.

Alguns exemplos de uma lista infindável e cada dia renovada com dezenas de ocorrências. É o que se chama… uma língua viva! (Fosse ela morta, era só para entendidos e acabava-se a liberdade de a usar ao calhas.)

N.B.: Para não ferir suscetibilidades, não se referem as «fontes» — até por uma questão de gratidão.

joao.gomes.ec@hotmail.com

Ocorrência	Observações
...e, agora que temos os detetores e sabemos que os buracos negros estão lá, podemos começar...	Os buracos negros estão nos detetores? Há lá disso? Imaginava-os mais longe... Sim, podemos começar, por exemplo, a não traduzir à letra. O primo inglês deste *tardutor* perguntaria até: «*Is there same?*/Há mesmo?»
...do nosso repórter na Síria, onde a guerra civil prolonga-se há cinco anos.	E podia ter acrescentado que não viu-me, que eu nem respondi-lhe, que não ligava-lhe, etc.
...deitar lume para a fogueira	Sempre se podia poupar nas achas...
...conta factos reais ocorridos na década dos anos 80	Tal e qual como no século dos anos 900.
Este problema vai seguir instâncias superiores.	O respeitinho é muito bonito.
Se o fizesse..., teria de acarretar as consequências	Um arco não devia chegar.
...um susto que não interferiu a normalidade da viagem	Vá lá, só interferiu (com?) a gramática.
As cheias já saldaram um morto e vários feridos.	Falta saber a que preço foi...
A ministra deu o dito pelo não dito.	Mas não o devia ter dito.
Temos que ter a ambição de respeitar o adversário.	Poderá não conseguir respeitar, mas a ambição ninguém lha tira.
Os soldados estão sobre as ordens do general X.	Coitado do general! Nem digo o nome dele!
...na cidade, onde ocorreram milhares de visitantes para assistir...	Aconteceu, pronto. Se calhar iam *a-correr*.
...queixam-se da imparcialidade do juiz...	Pelos vistos, destoa da classe.
Estava um frio glaciar.	Com o aquecimento global, talvez os glaciares venham a ficar mais quentinhos.
...chegaram são e salvas	Um passado + um presente?... Será que «salvas» é um futuro?
O balanço dos acontecimentos aponta 2 mortos.	É um saldo vivo.
Os pilotos reservam-se no direito de...	a) são reservados; b) se alguém quiser fazer reservas...
Muitos investidores ainda receiam pela desvalorização dos títulos.	Têm muito medo que ela não corra bem.
O Viagra não vai aumentar o seu líbido.	O objetivo a aumentar também não é esse.
Hoje foi a gota de água que transbordou.	Só uma gota? Que precisão.

Malta — ficha de país

Jales Josino da Rocha Filho
Tradutor/intérprete — Senado Federal do Brasil(1)
Paulo Correia; Catherine Camilleri
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Nesta ficha de país reúne-se informação terminológica relativa à República de Malta que se encontra dispersa por vários documentos normativos ou de referência.

Apresenta-se em anexo a esta ficha uma tabela com o alfabeto maltês e os respetivos equivalentes aproximados em português. A tabela inclui igualmente indicações fonéticas.

REPÚBLICA DE MALTA (IATE: 861112)

CAPITAL:	Valeta
GENTÍLICO/ADJETIVO :	maltês(malteses)/maltesa(s)
MOEDA:	euro
SUBDIVISÃO:	cent(2)

Principais cidades:	Valeta, Qormi
Serras:	Falésias de Dingli
Ilhas:	Malta, Gozo, Comino

Subdivisões administrativas

#	maltês (Eurostat)	português	inglês	IATE
2	gżira(3)	ilha	island	—
5	reġjun(4)	região	region	3531633
68	lokalità	município	locality	3531651

Fonte: Ministério da Justiça, Cultura e Governo Local de Malta, *Local Councils Act*, http://www.justiceservices.gov.mt/DownloadDocument.aspx?app=lom&itemid=8833&l=1.

Regiões

NUTS	MALTA	MALTA	MALTA	IATE
MT001	Malta	Malta	Malta	—
MT002	Għawdex u Kemmuna	Gozo e Comino	Gozo and Comino	930814, 3565352

Fontes: Serviço das Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*: Anexo 10 — Lista das Regiões, http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5001000.htm.
Eurostat, *NUTS (Nomenclature of Territorial Units for Statistics), by Regional Level, Version 2013*, http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/nomenclatures/index.cfm?TargetUrl=LST_NOM_DTL&StrNom=NUTS_2013L&StrLanguageCode=EN&IntPcKey=33914707&StrLayoutCode=HIERARCHIC.

Órgãos judiciais

#	maltês	português	inglês	IATE
1	Qorti Ċivili	Tribunal Cível	Civil Court	3567605
1	Qorti Kriminali	Tribunal Penal	Criminal Court	3567606
1	Qorti Kostituzzjonali	Tribunal Constitucional	Constitutional Court	321349
1	Qorti tal-Appell	Tribunal da Relação	Court of Appeal	3567608
1	Qorti tal-Appell Kriminali	Tribunal de Recurso Penal	Court of Criminal Appeal	3567607
2	qorti tal-maġistrati	tribunal de magistrados	court of magistrates	3567604

1	Qorti tal-Minorenni	Tribunal de Menores	Juvenile Court	3567593
1	Tribunal għal Talbiet Żgħar	Tribunal para Ações de Pequeno Montante	Small Claims Tribunal	3567589
9	tribunal lokali	tribunal local	local tribunal	3567632

Fontes: Portal Europeu da Justiça, *Sistemas Judiciais nos Estados-Membros — Malta*, https://e-justice.europa.eu/content_judicial_systems_in_member_states-16-mt-pt.do?init=true&member=1.
Portal Europeu da Justiça, *Tribunais Especializados — Malta*, https://e-justice.europa.eu/content_specialised_courts-19-mt-maximizeMS-pt.do?member=1.

jalesroc@senado.gov.br
Paulo.Correia@ec.europa.eu
Catherine.Camilleri@ec.europa.eu

Anexo: Alfabeto maltês

O alfabeto maltês baseia-se no latino e contém 25 letras com um total de 30 grafemas, dos quais seis resultam da adição de diacríticos e/ou são dígrafos (Ċ, Ġ, Għ, Ħ, Ie, Ż). O maltês manteve sons característicos do árabe, sendo a única língua semítica que utiliza o alfabeto latino.

letra maltesa	fonética	equivalente português	nome maltês(5)	«transliteração»
A a	/ɐ/	a (em *para*)	**a**nkra (*âncora*)	ankra
B b	/b/	b (em *bem*)	**b**omba (*bomba*)	bomba
Ċ ċ	/ʧ/	tch (em *Tchaikovsky*)	**ċ**irasa (*cereja*)	tchirassa
D d	/d/	d (em *dama*)	**d**ar (casa)	dar
E e	/ɛ/	e (em *pé*)	**e**roj (*herói*)	eroi
F f	/f/	f (em *flor*)	**f**jura (*flor*)	fiura
Ġ ġ	/ʤ/	dj (em *dia*, no Brasil)	**ġ**elat (*gelado*)	djelat
G g	/g/	g (em *gato*)	antropolo**g**u (*antropólogo*)	antropologu
Għ għ(6)	/ˤː/	alonga a vogal seguinte	**għ**ani (*rico*)	ani
H h		não se pronuncia	**h**u (*ele*)	hu
Ħ ħ	/ħ/	fricativa faríngea surda, semelhante ao h aspirado	**ħ**anut (*loja*)	hanut
I i	/i/ /ɪ/	i (em *isca*) i (em *bit*, em inglês)	l**i**ra (*libra*) b**i**nt (*filha*)	lira bint
Ie ie	/iː/ /iɛ/	i longo (em *vila*) ie (em *viela*)	kt**ie**b (*livro*)	ktib
J j	/j/	i (em *pai*)	że**j**t (*azeite*)	zeit
K k	/k/	c (em *casa*)	**k**elma (*palavra*)	kelma
L l	/l/	l (em *lama*)	arm**l**a (*viúva*)	armla
M m	/m/	m (em *mão*)	**m**ara (*mulher*)	mara
N n	/n/	n (em *norte*)	fe**n**ek (*coelho*)	fenek
O o	/ɔ/	o (em *sol*)	**o**rs (*urso*)	ors
P p	/p/	p (em *pato*)	ajru**p**ort (*aeroporto*)	airuport
Q q(7)	/ʔ/	som oclusivo glotal	is**q**of (*bispo*)	isof
R r	/r/	r (em *caro*)	gżi**r**a(8) (*ilha*)	gzira
S s	/s/	s (em *só*)	ba**s**al (*cebola*)	bassal
T t	/t/	t (em *tu*)	**t**or**t**ura (*tortura*)	tortura
U u	/u/ /ʊ/	u (em *puro*) u (em *urge*, em inglês)	f**u**la (*feijão*) s**u**rmast (*professor*)	fula surmast
V v	/v/	v (em *ver*)	**v**jola (*violeta*)	viola
W w	/w/	u (em *mau*)	d**w**ana (*aduana*)	duana
X x(9)	/ʃ/	ch (em *chave*)	bebbu**x**u (*caracol*)	bebbuxu
Ż ż	/z/	z (em *azar*)	ri**ż**ma (*resma*)	rizma
Z z	/t͡s/	ts (em *tsé-tsé*)	Mar**z**u (*março*)	martsu

(1) Estagiário entre outubro de 2015 e fevereiro de 2016 na Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia.

---

(2) cent — forma obrigatória nos atos da UE e a preferir nos demais textos da UE; cêntimo — variante nacional de uso corrente em Portugal e que pode ser utilizada noutro tipo de textos

(3) Não corresponde a unidades administrativas.

(4) Para fins estatísticos há seis distritos (mt: *distretti*; en: *districts*). Fonte: Eurostat, *Nomenclature of Territorial Units for Statistics: National Structures (EU)*, http://ec.europa.eu/eurostat/web/nuts/national-structures-eu.

(5) Boa parte do vocabulário da língua maltesa provém do árabe, pelo que há bastante semelhança com os vocábulos portugueses de mesma origem. Em muitos casos, os vocábulos portugueses (tal como os espanhóis) incluem o artigo do árabe (al, as suas variantes at-, aç-, ad-, ar-, az-, enx-), como nas palavras *algodão*, *alcaparra*, *alface*, *açúcar*, *aduana*, *arroz*, *azeite*. O mesmo não ocorreu em maltês: ***qoton***, ***kappar***, ***ħass***, ***zokkor***, ***dwana***, ***ross***, ***żejt***. Noutros casos, a semelhança entre os vocábulos em português e maltês é ainda maior: ***riżma*** (*resma*), ***tamra*** (*tâmara*), ***xropp*** (*xarope*), ***ġulġlien*** (*gergelim*), ***alkoħol*** (*álcool*), ***brunġiela*** (*beringela*).

(6) No maltês, o som /ˤː/ é representado pela letra għ (*għajn*). No árabe, o som /ʕ/ é representado pela letra ع (*ayn*).

(7) No árabe, o som /ʔ/ é representado pela letra) ء*hamza*). No meio das palavras, costuma ser romanizado como ʾ ou omitido.

(8) Note-se o parentesco com a palavra portuguesa *lezíria*, derivada do árabe ***al-djazira*** (ilha). O nome rede de televisão Al Jazeera faz referência à península do Catar, seu país de origem.

(9) Notar que, tal como o maltês, o português utiliza a letra «x» para representar o som /ʃ/ nas palavras com origem no árabe: *xropp* (mt)/xarope (pt), *xarija* (mt)/xária (pt), *xejikk* (mt)/xeque (pt), *xeriff* (mt)/xerife (pt).

Redação: Paulo Correia (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)
Grupo de apoio: Ana Luísa Faria (Conselho da UE); Hilário Leal Fontes (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)
Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)
Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)
Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — http: //ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine

«a folha» ISSN 1830-7809

ISSN 1830-780-9

9 771830 780004